

## **DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NO PAMPA GAÚCHO: perspectivas de agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos**

**JOÉLIO FARIAS MAIA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

**MITALI DAIAN ALVES MACIEL**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

**ALESSANDRA TROIAN**

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA (UNIPAMPA)

Agradecimento à orgão de fomento:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA-UNIPAMPA).

## **DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NO PAMPA GAÚCHO: perspectivas de agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos**

### **Introdução**

O desenvolvimento territorial compõe uma gama de processos que mobiliza os atores e o uso dos recursos, via identificação coletiva e construção social (Pecqueur, 2005). A abordagem representa a noção que permite explicar o papel do contexto e do espaço social, como fator de desenvolvimento. Sua origem advém da lacuna no enfoque vinculada à questão rural, especialmente no que diz respeito a fatores de sustentabilidade ambiental e social, junto à atuação dos indivíduos. A partir desse entendimento, tem-se a proposição de que o desenvolvimento foca no território e nas suas dinâmicas, que envolvem dimensões espaciais, sociais, políticas, econômicas e institucionais (Schneider; Tartaruga, 2004).

A perspectiva do desenvolvimento territorial está relacionada ao território como forma de melhor explorar as potencialidades locais e a conservação dos recursos naturais para alcance e utilização pela sociedade (Saquet, 2011). Nessa direção, a partir do desenvolvimento territorial, tem-se a revelação do território, entendendo-o como mais amplo do que o espaço físico, isto é, como uma construção a partir das formas de uso e ocupação, bem como a inter-relação das características materiais e imateriais, tendo em vista as interações socioculturais, ambientais e econômicas, que se desdobram em um espaço multidimensional (Santos, 2005; Saquet, 2011; Oliveira, 2020). Logo, o desenvolvimento territorial é um processo que se dá a partir da mobilização dos atores aliados ao aspecto imaterial, bem como o uso dos recursos disponíveis ligados aos aspectos materiais, em formas estratégicas através de identificação coletiva e construção social, ou seja, o uso do próprio território (Maia, 2022).

Já a agroecologia, de acordo com Caporal e Costabeber (2002), é a ciência que fornece suporte e possibilita a promoção de estilos de produção aliados a processos de desenvolvimento territorial, visando garantir a preservação ambiental. Como campo de estudo, a agroecologia estimula os pesquisadores a aprofundarem os conhecimentos e imergir nas técnicas dos agricultores para construir agroecossistemas com maior independência de insumos químicos e externos (Batista; Stoffel, 2022). Para Gusmán (2001), a agroecologia atua na busca e identificação dos recursos e da identidade local para, a partir desses elementos, recriar a heterogeneidade do cenário rural, através de formas de ação coletiva e de caráter participativo.

No movimento visando à promoção do desenvolvimento territorial, práticas sustentáveis oportunizam novas formas de pensar a produção agrícola e pecuária. Neste sentido, a agroecologia, busca resgatar os conhecimentos tradicionais, deixados à margem pela modernização da agricultura, visando agroecossistemas sustentáveis. Os quais valorizam o conhecimento prático dos atores locais, recorrendo-se a abordagem transdisciplinar que compõem princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos, objetivando uma agropecuária ecologicamente sustentável, econômica e socialmente justa (Gliessman, 2000; Caporal; Costabeber, 2004; Altieri, 2004).

O sistema de produção agrícola familiar, de base agroecológica, contribui para a valorização dos conhecimentos e rompe com o paradigma do modelo convencional de produção, estruturando-se na agricultura sustentável. Dispõe da capacidade de resiliência, adaptação aos mercados, simultaneamente respeita o uso dos recursos naturais e contribui para a produção e oferta de alimentos, como também para a segurança alimentar, colaborando para caminhos viáveis rumo ao desenvolvimento sustentável (Maciel; Troian, 2022).

Em sintonia, Borba (2016) destaca que a pecuária familiar se vincula a um tipo específico de agricultor familiar, que apresenta características próprias. Ribeiro (2009) sugere que o pecuarista familiar ultrapassa a caracterização de um tipo específico de agricultor familiar e se constitui uma categoria social única, mesmo com as similaridades apresentadas entre agricultor familiar e pecuarista familiar (Ribeiro, 2018; Maia, 2020). A sua maior contribuição está no fortalecimento e no desenvolvimento do Pampa Gaúcho, como forma de expressão de uma cultura única, dotada de particularidades que cooperam para a promoção de desenvolvimento territorial sustentável, ao usufruir de forma responsável os recursos disponíveis no território (Azevedo; Fialho, 2016). O Pampa Gaúcho trata-se de um recorte do Bioma Pampa, em referência ao território e seus aspectos materiais e imateriais, utilizado em diversos estudos sobre o Pampa Gaúcho e o desenvolvimento territorial (Maia, 2022; Maia; Troian, 2022; Maia; Troian; Maciel, 2024).

Conhecido também como Campos do Sul ou Campos Sulinos, o Bioma Pampa abrange uma área de cerca de 2% do território nacional (176,5 mil km<sup>2</sup>). Constitui-se, especialmente, por vegetação campestre (gramíneas, herbáceas e algumas espécies arbustivas). No Brasil, o Pampa está restrito ao estado do Rio Grande do Sul, ocupando cerca de 63% do território gaúcho. Os Campos da Região Sul do Brasil são denominados como “Pampa”, dado o termo de origem indígena que significa “região plana” (IBF, 2024).

Ao abordar o recorte espacial Pampa Gaúcho, Maia (2022) e Maia e Troian (2022), assumem que o Pampa Gaúcho é um território, posto que nele se encontram todos os elementos que corroboram ao conceito, sejam eles tangíveis – como a fauna e flora – e intangíveis – como a cultura e identidade. Para os autores, ao efetuar esse delineamento, o Pampa Gaúcho, deixa de ser um lugar no mapa para se tornar um território, que se consolida com a construção social pelo uso, ocupação e apropriação do espaço (Maia; Troian; Maciel, 2024).

Contudo, diversas são as adversidades observadas no Pampa Gaúcho, principalmente no que tange às transformações sociais, ambientais e econômicas. Novas dinâmicas estão modificando o território, a partir da expansão da agricultura moderna em escala industrial, mais precisamente nas zonas rurais, causando uma série de reflexos no cenário rural, motivadas por questões financeiras e produtivas (Maia, 2022). O paradigma que se encontra sob o modelo convencional de agricultura, pautado no modelo de modernização agrícola, demonstra-se ser insustentável, uma vez que se baseia na dependência intensa de combustíveis fósseis e pela retirada do domínio dos agricultores, especialmente no que se refere à produção de alimentos para subsistência ou ainda à soberania alimentar (Rocha; Arend, 2017).

Todavia, nem todos os agricultores e pecuaristas foram incluídos nesse processo de modernização do campo. Para Teixeira (2005), a modernização da agricultura foi um processo excludente que beneficiou apenas parte dos atores envolvidos no cenário rural, em particular as elites rurais. Fontoura (2014) cita elementos, como a falta de associações de classes e obstáculos naturais como o relevo, o solo, que impediram ou dificultaram o trabalho mecanizado dos maquinários – uma das condições para alcançar os níveis produtivos e de padronização que a agricultura moderna necessita – resultando, assim, na exclusão de um considerável número de agricultores e pecuaristas familiares.

A conjuntura, a partir do advento da modernização agrícola, apresenta-se como ameaça ao desenvolvimento territorial do Pampa Gaúcho, dado que desconsidera as potencialidades existentes e únicas desse espaço de vida. Assim, tendo em conta o contexto de alterações, modificações e transformações as quais o território está enfrentando, o presente estudo tem o objetivo analisar as perspectivas de agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos sobre transformações no território Pampa Gaúcho, a partir do processo de

modernização da agricultura<sup>i</sup>. A pesquisa se justifica, dada a carência de ações em pesquisa direcionadas para a agroecologia e para a agricultura e pecuária familiar, como citado em alguns estudos sobre o Pampa Gaúcho. Dentre eles, Moreira e Carmo (2007), assim como Matei e Filippi (2012), em que ambos discorrem acerca da necessidade de investigações sobre agroecologia e produção aliada às potencialidades do território e seus atributos, para a articulação de forças visando à construção de conhecimento sobre desenvolvimento territorial. Maia (2022) destaca que no estado do Rio Grande do Sul, em poucas décadas, a produção de soja ocupou rapidamente uma extensa área de campos naturais no Pampa Gaúcho, promovendo repentinas transformações no território.

Beling, Cancelier e Flores (2022), reforçam que as transformações no espaço rural do Bioma Pampa no Rio Grande do Sul são notórias, sobretudo, pela modernização tecnológica da agricultura que tem provocado mudanças na produção, no trabalho e na forma de vida dos sujeitos do campo. O avanço da agricultura moderna tem ocasionado perda da biodiversidade, das características e das especificidades da população pampeana, acarretando transformações na paisagem, que são visíveis, principalmente pela diminuição das atividades pastoris e dos demais elementos que, tradicional e culturalmente, estavam presentes neste espaço. Elucida o cenário, a escalada no aumento de áreas desmatadas. Os números do Pampa são preocupantes dado que se observa uma elevação de 27,2% na área desmatada de 2021 para 2022. O cenário projeta para o futuro a expectativa de que o desmatamento aumentará de forma crescente. E, como consequência, a conversão das terras do Bioma Pampa, aliada a outros fatores climáticos desordenados, têm contribuído para as mudanças no clima e para o aquecimento global (Mapbiomas, 2023). A seguir são descritos os procedimentos metodológicos do estudo.

## **Metodologia**

O estudo possui abordagem qualitativa, caráter descritivo e foi elaborado através de estudo de caso. A pesquisa é considerada qualitativa, dado que visa compreender um fenômeno e seu grupo de indivíduos, no seu contexto real de ocorrência e em uma perspectiva integrada (Godoy, 1995). De acordo com Flick (2009), pesquisas qualitativas se pautam na análise de um conjunto de valores específicos. O caráter descritivo do estudo se pauta na descrição de características dos fenômenos investigados (Gil, 2008).

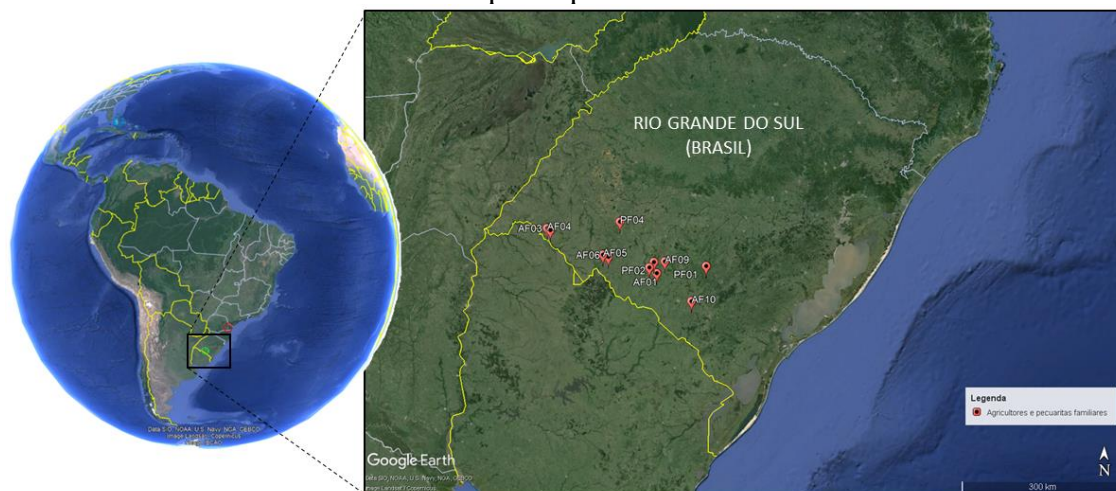
O método utilizado para a realização da pesquisa foi o estudo de caso, o qual busca a compreensão de um contexto particular, através de uma descrição profunda do fenômeno. Tendo em vista a profundidade do estudo de caso, habitualmente, utilizam-se diversas técnicas de coleta de dados, podendo gerar maior gama de informações e para uma futura triangulação dos dados (Yin, 2005). O caso abordado são as visões dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos situados no Pampa Gaúcho sobre as transformações no território, a partir do processo de modernização agrícola.

As técnicas de coleta de dados foram: entrevista semiestruturada e observação não participante. Realizaram-se onze entrevistas, a saber: seis com agricultores, quatro com pecuaristas familiares agroecológicos e uma com participante que é caracterizado como agricultor e pecuarista familiar, simultaneamente, entre os meses de outubro de 2021 e fevereiro de 2022 mediante a utilização de roteiros de questões elaboradas previamente. Para a seleção dos participantes, considerou-se a realidade de cada agricultor e pecuarista familiar, seu papel no território, a disponibilidade e capacidade de fornecer informações. A seleção dos entrevistados ocorreu via técnica bola de neve, que é indicada para o estudo de grupos de difícil acesso, tendo em vista o pouco conhecimento sobre a população-alvo da pesquisa. Por isso, aceitaram-se indicações por participantes, que recomendam outros e, assim, sucessivamente (Vinuto, 2014). O contato com os entrevistados foi efetuado por ligações

telefônicas ou pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp* e nele foi solicitado o agendamento de visitas às Unidades Familiares de Produção (UFP).

A localização das UFP contempla as três microrregiões da Campanha Gaúcha: Campanha Meridional, Campanha Central e Campanha Ocidental (IBGE, 1990). O critério foi utilizado visando maior representatividade diante da dimensão do território pesquisado, que compreende os municípios de Bagé, Dom Pedrito, Hulha Negra, Lavras do Sul, Quaraí, Rosário do Sul e Santana do Livramento. A amplitude de abrangência da pesquisa é representada na Figura 1, que mostra as localizações ou os pontos de referências de cada participante.

**Figura 1** – Localização das unidades familiares de produção dos agricultores e pecuaristas familiares participantes do estudo



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

As entrevistas foram gravadas, transcritas e a análise dos dados coletados ocorreu com base em uma aproximação da análise de conteúdo, proposta por Bardin (2010). Para subsidiar as análises e possibilitar maior gama de informações, utilizaram-se diário de campo e travessia, combinados de forma a melhor reproduzir o ambiente em que cada família está inserida. Para manter a integridade da identidade dos participantes da pesquisa, os entrevistados foram apresentados por código de identificação: siglas “AF” para agricultores familiares ou “PF” para pecuaristas familiares, ou, ainda, a mescla dos dois códigos “APF”, representando a ordem cronológica das visitas realizadas. Na seção a seguir, evidenciam-se os resultados da pesquisa.

### **Perspectivas sobre as transformações no território Pampa Gaúcho**

O conjunto das principais características que auxiliam a traçar um perfil dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes da pesquisa é definido a partir das seguintes particularidades: idade elevada (54 a 55 anos em média), maioria homens (sete), com ensino fundamental incompleto e casados. Os achados corroboram com o perfil da população rural no Brasil, evidenciado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019).

No que tange aos aspectos de produção, a agropecuária agroecológica presente no Pampa Gaúcho é diversa e heterogênea. São inúmeras as atividades produtivas desenvolvidas, das quais se destaca: olericultura, fruticultura, cultivo de grãos, cereais e flores ornamentais. Convém destacar que a olericultura está presente nas onze UFP visitadas no estudo. Sobre a

produção pecuária, cabe destacar: a criação de bovinos, ovinos, caprinos, equinos, aves, suínos e peixes. Há na pecuária proeminência para criação de bovinos e ovinos. Há ainda um terceiro grupo de produção, que compreende a agroindústria e artesanato, como os produtos a saber: derivados de origem animal (queijo, embutidos, doces de leite, dentre outros), derivados de origem vegetal (doces, sucos, geleias, compotas, pães, dentre outros) e artesanatos (vestuário, itens decorativos e diversos).

Os aspectos que dizem respeito às produções oriundas da agropecuária familiar agroecológica presentes no Pampa Gaúcho evidenciam a importância das categorias sociais no que tange à produção de alimentos, mas também questões socioculturais, presentes nos próprios alimentos e nos agroindustrializados, bem como nos itens de artesanatos tradicionais do território. A principal característica das produções é em questões materiais a relação com o Pampa, o campo nativo. Em aspectos imateriais é no modo de fazer, pautado em conhecimento antigo. De acordo com Maia e Troian (2020) e Maia, Troian e Maciel (2024), esses elementos combinados, compõem características que afirmam e consolidam o território.

Nesse sentido, ao buscar compreender as perspectivas dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos que residem e desenvolvem as atividades produtivas no Pampa Gaúcho sobre as transformações no território, considerando os impactos na modernização agrícola, destacam-se argumentos sobre os atuais rumos dessa atividade no Pampa Gaúcho e as alterações que elas causam na vida e na produção. Assim, através das análises, foi possível o estabelecimento de duas categorias, a saber: *i) causam alterações*; e *ii) não causam alterações*.

Na categoria em que os *atuais rumos da atividade agropecuária no Pampa Gaúcho causam alterações na vida e atividade produtiva*, foram identificados dez participantes, sendo seis agricultores familiares e quatro pecuaristas familiares (AF01, PF02, AF03, AF04, AF05, AF06, PF07, PF08, AF10 e PF11). Para representar os discursos, estruturam-se duas subcategorias: *i) alterações no contexto de vida*; e *ii) alterações na produção*.

Na subcategoria *alterações no contexto de vida*, os atuais rumos das atividades agropecuárias no Pampa Gaúcho causam mudanças nos aspectos gerais do território, que permeiam as questões produtivas. Integram a subcategoria seis entrevistados, sendo quatro pecuaristas familiares (PF02, PF07, PF08 e PF11), isto é, a totalidade de pecuaristas participantes do estudo e dois agricultores familiares (AF04 e AF05). Para eles, há amplo sentido nas relações com o território, em que os rumos das atividades agropecuárias estão afetando questões diversas e distintas no Pampa Gaúcho. O panorama se reflete em aspectos produtivos, mas vão além, causando alterações na sociedade, na economia e no ambiente como um todo. A fala a seguir, ilustra reflexões sobre as questões produtivas e ambientais que sofrem com o avanço do monocultivo da soja no Pampa Gaúcho:

A velocidade a que a soja avança é a mesma que a pecuária volta! É, vamos recapitular, ela [a soja] avança e a gente [pecuária] retrocede, na mesma velocidade. É um encontro de forças gritante, sempre. É impactante. Coloca um determinado produto, é dois dias aqui e elas [ovelhas] sentem. A árvore sente, o mato já tá se deteriorando e a gente tem isso documentado, catalogado (PF08 – Dom Pedrito).

Observa-se a preocupação com o avanço dos monocultivos, posto que o contexto de vida no Pampa Gaúcho tem sido gradativamente alterado através da inserção da agricultura moderna, ao longo das últimas décadas. Em um primeiro momento, altera-se o ambiente natural que, por consequência, causa efeitos nos atores locais e na economia do território. Cruz e Guadagnin (2012), Matei e Filippi (2012), Delanoy, Viana e Troian (2020) e Maia e Troian (2020) abordam sobre as mudanças provocadas a partir da inserção da agricultura moderna no Pampa Gaúcho. Segundo os autores, essas transformações alteram drasticamente

o ambiente natural, impactando em fatores socioeconômicos e ambientais. Netto e De Vargas (2019) salientam que transformações no território, causam alterações nas relações sociais e de vida no meio rural, convertendo e mudando as características intrínsecas da vida no Pampa Gaúcho. Assim, conforme Matei e Filippi (2012), torna-se necessário a valorização do território do Pampa e de todos os recursos inerentes ao contexto de vida, aliado a um planejamento em perspectivas territoriais, de forma adequada no sentido de buscar um novo modelo de desenvolvimento.

Já para a agricultora familiar AF05, as alterações no Pampa Gaúcho são sentidas em amplo sentido, pois toda a atividade no território pode afetar o contexto de vida das pessoas que estão inseridas nele: “*Se nós estamos falando de território, nesse conceito que tu tá me passando... tudo o que é feito no nosso entorno, considerando que nós somos parte integrante, nós não somos um pedaço... uma ilha flutuando no nada... tudo o que é feito aqui, impacta em nós*” (AF05 – Santana do Livramento).

Cruz e Guadagnin (2012) e Maia e Troian (2022), destacam a importância de fatores naturais considerando as modificações em curso no território, as quais têm origem quando a agricultura moderna se instala no Pampa Gaúcho. Evento que os autores chamam de terceiro ciclo das transformações no território. Isso porque antes do terceiro ciclo, vivia-se uma estabilidade pecuária, dinâmica homogênea no Pampa. Contudo, com a inserção da agricultura moderna, baseada em monocultivos, quebra-se a dinâmica da atividade pecuária e se iniciam transformações no território.

Na subcategoria *alterações na produção*, os atuais rumos das atividades agropecuárias no Pampa Gaúcho, repercute em questões mais direcionadas aos aspectos produtivos. Fazem parte desta subcategoria quatro entrevistados, todos são agricultores familiares (AF01, AF03, AF06 e AF10). Para os entrevistados, as principais alterações em relação à atividade agropecuária no Pampa Gaúcho, estão relacionadas à aplicação de produtos químicos, em monocultivos e ação gera externalidades negativas com efeitos nas unidades produtivas agroecológicas, conforme explica o agricultor: “*eu criava abelha, mas aí não sei, os remédio, perdi muita abelha por causa dos remédio. Isso aí é uma coisa! Eu senti esse impacto, até que eu terminei com o apiário né?! Parei com o apiário! Morreu quase todas minhas abelhas, a constatação que seria os remédio*” (AF03 – Quaraí). A agricultora familiar AF10, complementa que o uso de agrotóxicos causa impactos negativos e severos principalmente à produção de alimentos (para autoconsumo e comercialização) nas atividades produtivas no Pampa Gaúcho:

Depois que entrou a soja, prejudicou e muito! E o impacto maior é o uso do veneno, que a soja pra produzir exige do veneno. Porque, o ser humano modificou toda a semente, antigamente não precisava, antigamente era na enxada, hoje em dia não fazem mais ou de uma forma ou de outra, não se precisava tanto veneno. E hoje se tu não usar o veneno?! Então, esse é o maior impacto que dá, vem matando, aqui tá começando, mas lá da região de onde a gente veio, árvore nativa frutífera, que eu me criei indo nos matos, comer jabuticaba, guabiroba, pitanga, essa *coisarada* tudo, lá não tem mais! (AF10 – Hulha Negra).

As produções monocultoras que empregam agrotóxicos, como as plantações de soja, estão cada vez mais próximas das unidades familiares agroecológicas de produção, resultando em malefícios ao meio ambiente e à saúde (Maciel; Troian; Oliveira, 2024). A utilização indiscriminada de agrotóxicos pode acarretar diversos problemas para o meio ambiente, como contaminação do ar, das águas e do solo, causando a morte de animais e plantas. Essas substâncias podem se deslocar no ambiente através dos ventos e da água da chuva para locais distantes de onde foram aplicados, causando efeitos drásticos em espécies não alvo, afetando

a biodiversidade, as redes alimentares e os ecossistemas aquáticos e terrestres (Gliessman, 2000; Fernandes, 2019). Conforme Caporal e Costabeber (2004) há o consenso de que o atual modelo de desenvolvimento rural e de agricultura convencional é insustentável e tem sido responsável por crescentes danos ambientais e pelo aumento das diferenças socioeconômicas no meio rural, dada à dependência de recursos não renováveis e limitados.

O avanço da soja no Pampa, além de toda a cadeia de desequilíbrios resultante da expansão desse modelo produtivo causam, em alguma medida, alterações ao modo de vida de agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho. Fatores já apontados por Cruz e Guadagnin (2012), Matei e Filippi (2012), Delanoy, Viana e Troian (2020) e Maia e Troian (2020), no que tange às transformações no Pampa Gaúcho. Dentre os fatores que alteram o modo de vida no território, pode-se citar o esvaziamento demográfico, a concentração de terras em poucos proprietários, o êxodo rural, perdas sociais e culturais, degradação ambiental, substituição do modo de vida tradicional, dentre outros efeitos nocivos ao território.

Na categoria que representa os agricultores e pecuaristas que acreditam que a *inserção da modernização agrícola não causa* modificações nos rumos da atividade agropecuária no Pampa Gaúcho, foi identificado apenas um participante, o aposentado rural APF09. A fala do entrevistado retrata essa questão: *“Não tem [impactos na agropecuária e no território]. Preservado, o verde, esse movimento aí! A fazenda [pecuária] mais grande é aqui do “véio”, que eu trabalhava, é quase toda essa volta aí e lá onde eu morava também”* (APF09 – Lavras do Sul).

A percepção do entrevistado se diferencia dos demais, principalmente por ser aposentado rural e não ter atividades produtivas voltadas ao comércio ou obtenção de renda. Sua produção agrícola e pecuária é exclusiva para o autoconsumo. Para o participante, a importância do território está na produção atrelada à renda (pois antes de ser aposentado, vivia de seu trabalho como peão de estância). Entretanto, em questões de reprodução social no território e impactos da modernização da agricultura nas atividades agropecuárias no Pampa Gaúcho não foram mencionadas.

Outro elemento que pode corroborar a afirmação do entrevistado se vincula à localidade onde o entrevistado está inserido. Geograficamente, as atividades de modernização da agricultura ainda não estão presentes ou perceptíveis. Trata-se de uma região de difícil acesso, estradas precárias, matas, rios e afloramentos de rochas, que podem dificultar ou retardar o avanço das atividades modernizadas. Assim, na região são conservadas formas de cultivos e criações antigas, baseadas apenas nos recursos disponíveis do território.

Os aspectos encontrados na presente pesquisa corroboram com Ribeiro (2009), Neske, Marques e Borba (2014) e Borba (2016), os quais afirmam que a modernização da agricultura não se consolidou em áreas marginais do Pampa. Ou seja, em localidades afastadas e de características físicas peculiares, como relevos acidentados, pequenas serras, matas e rios, além de lugares distantes dos centros urbanos. Para os autores, onde a modernização agrícola não chega, é conservado o modo de vida tradicional do Pampa Gaúcho, alicerçado principalmente na pecuária familiar.

Portanto, ao revelar as perspectivas de agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos sobre as transformações no território Pampa Gaúcho, a partir do processo de modernização da agricultura, observa-se que os agricultores familiares destacam que há impactos, particularmente desfavoráveis, que causam alterações no território e no contexto de vida dos atores locais. Para eles, esses elementos se expressam nas questões vinculadas ao desenvolvimento da produção.



Já os pecuaristas familiares percebem que a modernização agrícola está causando alterações diretamente relacionadas ao cultivo da soja, alterando não apenas o aspecto produtivo do território, mas influenciando as questões de vida, aspectos sociais, ambientais e econômicos no Pampa. Assim, a seguir é apresentada uma estratégia para o desenvolvimento do território Pampa Gaúcho, através da pecuária familiar.

### **A estratégia da agropecuária familiar para a conservação do Pampa Gaúcho e a promoção do desenvolvimento territorial**

No território Pampa Gaúcho há uma riqueza de particularidades que o projeta como um ambiente único para o desenvolvimento de práticas produtivas agroecológicas e conservação do bioma, tanto relacionado a atributos materiais — vinculadas ao ambiente natural e às questões produtivas de reprodução social — como atributos imateriais, que se expressam no modo de vida, cultura e identidade (Maia; Troian; Maciel, 2024).

Os agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos possuem formas de se relacionar com o meio ambiente mais próxima da sustentabilidade. Essas relações se expressam nas interações entre os indivíduos e o meio ambiente, perante o modo de vida particular do Pampa Gaúcho, no respeito à agrobiodiversidade local, aos ciclos naturais que ocorrem no campo e que se manifestam na integração homem e ambiente, além de práticas alinhadas à conservação do ambiente natural (matas, rios e solos).

Tal forma de organização produtiva contribui para a promoção de práticas de produção agropecuária que geram externalidades positivas decorrentes de seu desenvolvimento, como: A compreensão de um contexto local único (Saquet, 2011); a produção de alimentos diversificados e qualificados com potencial de melhoria na segurança alimentar; preservação das características paisagísticas do território, mobilizando atores e o uso dos recursos disponíveis, para melhor utilizar as potencialidades inerentes a um contexto único, possibilitando produção e conservação dos recursos naturais (Santos, 2005).

A agropecuária familiar agroecológica possui características que a diferenciam da produção convencional no Pampa Gaúcho, que se vinculam à melhor utilização das potencialidades locais (Schneider; Tartaruga, 2004). Os principais aspectos se relacionam à resistência em produzir alimentos, mesmo em um cenário com baixa valorização e incentivo. Uma vez que, o *mainstream* agrícola é calcado na especialização produtiva de *commodities*, lavouras de grãos, diminuição do número de propriedades rurais, concentração de terras em poucos produtores, entre outros. Apesar da alta valorização financeira no mercado internacional, a renda oriunda dessa produção não tem gerado desenvolvimento, de fato, para a região, muito menos geração de renda. Região que é considerada, historicamente, como atrasada e sem perspectiva de crescimento, com altos índices de pobreza e estagnação econômica. Além da degradação ambiental que, a partir do uso inadequado dos recursos naturais, pode atingir proporções irreversíveis, como o desaparecimento do ambiente de campos naturais.

Por outro lado, a produção desenvolvida pelos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos fomenta a mobilização de atores e uso dos recursos, de forma responsável, com a proteção do capital sociocultural. Logo, esses atores se encontram no contramovimento produtivo fomentando a conservação dos recursos naturais (Pecqueur, 2005), garantindo produções livres de agentes nocivos, como agrotóxicos. Assim, destacam-se como oportunidade de reprodução socioeconômica, não dependente dos pacotes tecnológicos impostos pela agricultura moderna. E, diferentemente da produção de *commodities*, as produções de base familiar agroecológicas, sejam elas agrícolas ou pecuárias, prezam pela diversidade e qualidade produtiva, tornando-se elemento-chave para a região por manter as

características locais, como a paisagem e a agrobiodiversidade, auxiliando na manutenção socioeconômica das famílias e dinamizando região.

Destarte, a estratégia de promoção do desenvolvimento territorial fica evidenciada na agropecuária agroecológica presente e em movimento no Pampa Gaúcho. Essa afirmação é assentada nos casos em que a agroecologia, mais do que uma forma de produzir, norteia o modo de vida no território. Destaca-se que o modo de vida é embasado no uso de atributos materiais (solo, relevo, clima, vegetação etc.) e nos atributos imateriais (cultura, tradições, saber-fazer, conhecimento antigo etc.). A revelação e combinação de todos esses recursos aliados ao modo de vida de agricultores e pecuaristas familiares do Pampa Gaúcho, é o que permeia a reprodução social das categorias, contribuindo para a conservação e consolidação do território, constituindo assim uma sólida estratégia para o alcance do desenvolvimento territorial. A seguir, apresentam-se as considerações finais do estudo.

### **Considerações finais**

O estudo objetivou analisar as perspectivas de agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos sobre transformações no território Pampa Gaúcho, a partir do processo de modernização da agricultura. No que tange às perspectivas sobre as transformações no território Pampa Gaúcho, o estudo evidencia que, para agricultores e pecuaristas familiares, há impactos desfavoráveis, causadores de transformações no território e em todo contexto de vida local. Ao passo que, para os agricultores familiares participantes do estudo, a modernização da agricultura afeta as questões materiais e vinculadas à produção. Já para pecuaristas familiares, além de aspectos produtivos, a modernização da agricultura altera o modo de vida no Pampa Gaúcho, influenciando negativamente nos aspectos ambientais, sociais e econômicos do território. Assim, tem-se na agropecuária familiar a possibilidade de uma sólida estratégia no que tange a conservação do Pampa Gaúcho, assentado no uso dos recursos disponíveis e no modo de vida singular visando, deste modo, à promoção do desenvolvimento territorial.

É possível traçar direcionamentos ao desenvolvimento territorial justo e equilibrado, que valorize a sociedade e o ambiente como um todo, incluindo questões produtivas e econômicas. Os caminhos que apontam para o desenvolvimento territorial para o Pampa Gaúcho podem ser obtidos pela busca do equilíbrio social, ambiental e econômico. Isso pode ser possível, por exemplo, através da distribuição de terras, da valorização do poder público e da sociedade local sobre essas importantes questões territoriais, da disponibilização e acesso ao crédito a agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos, acesso aos canais de comercialização, entre outros.

Embora exista um contraste de modos de desenvolvimento no campo, de um lado agricultores e pecuaristas familiares produzindo de forma agroecológica e de outro as grandes propriedades rurais monocultoras e pecuária extensiva e empresarial. Os primeiros se destacam por promover a sustentabilidade do Bioma Pampa, bem como a sua visão de desenvolvimento que prioriza a conservação da biodiversidade em oposição às práticas hegemônicas inerentes à região. Assim, percebe-se que a contribuição da produção familiar agroecológica para a sustentabilidade do Pampa tem relevância significativa como prática agrícola, pecuária, social, econômica e ambiental.

Espera-se que o estudo possa contribuir para o debate sobre a agricultura e pecuária familiar como promotora de desenvolvimento de regiões historicamente deprimidas e estagnadas. Ainda, que ele desperte a curiosidade e instiga investigações futuras o Pampa Gaúcho, sobretudo a partir da perspectiva do território, considerando seus atributos materiais e imateriais, bem como a inter-relação entre homem e ambiente. Questões essas, que

ultrapassam os aspectos produtivos e econômicos, alvos de diversas investigações, e englobam fatores sociais e ambientais, para assim obter melhores perspectivas para o desenvolvimento dos territórios.

## Referências

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

AZEVEDO, L. F. de; FIALHO, M. A. V. Pecuária familiar: uma análise do modo de apropriação da natureza a partir dos saberes e práticas tradicionais – Território do Alto Camaquã, Rio Grande do Sul. In: WAQUIL, P. D.; MATTE, A.; NESKE, M. Z.; BORBA, M. F. S. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul**: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 149-167, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 2010. 280 p.

BATISTA, C. L. R.; STOFFEL, J. Agroecologia e produção orgânica: características que distinguem e/ou aproximam os sistemas de produção sustentáveis. **COLÓQUIO-Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 19, n. Edição Especial 1 (SOBER), p. 25-49, 2022.

BELING, H. M.; CANCELIER, J. W.; FLORES, C. R. Transformações no espaço rural gaúcho: um olhar para o Pampa Gaúcho. **GeoTextos**, Salvador, v. 18, n. 1, p. 89-111, 2022.

BORBA, M. F. S. Desenvolvimento territorial endógeno: o caso do Alto Camaquã. In: WAQUIL, P. D.; MATTE, A.; NESKE, M. Z.; BORBA, M. F. S. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul**: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 187-214, 2016.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 03, n. 03, p. 70-85, 2002.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural**: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CRUZ, R. C.; GUADAGNIN, D. L. Uma pequena história ambiental do Pampa: proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança. **A sustentabilidade da Região da Campanha-RS**: Práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, p. 155-179, 2012.

DELANOY, M.; VIANA, J. G. A.; TROIAN, A. Sustentabilidade de sistemas pecuários no Rio Grande do Sul e perspectivas de políticas públicas regionais. **Amazônia, Organizações e Sustentabilidade (AOS)**, Belém, v. 9, n. 2, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.17648/aos.v9i2.1877>

FERNANDES, A. C. S. de A. O pensamento agroecológico como quebra dos paradigmas da agricultura convencional: o crescimento do controle biológico no Brasil e o uso de defensivos químicos. **Revista Terra Mundus**, Buenos Aires, v. 6, n. 1, 2019.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTOURA, L. F. M. A modernização da agricultura e a urbanização incompleta: a situação de algumas cidades da campanha gaúcha. **CaderNAU**, v. 7, n. 1, p. 27-47, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008. 220 p.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GUZMÁN, E. S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 35-45, 2001.

IBF. Instituto Brasileiro de Florestas. **Bioma Pampa**, 2024. Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-pampa>. Acesso em 16 mar. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269\\_1.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf). Acesso em: 10 dez. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017**. Resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73096>. Acesso em: 30 mar. 2024.

MAIA, J. F. **O Pampa Gaúcho e a contribuição da agricultura e da pecuária familiar no processo de desenvolvimento territorial**. 201 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2022.

MAIA, J. F.; TROIAN, A. O Pampa Gaúcho: fatores materiais e imateriais na consolidação do território. **Revista Grifos**, Chapecó, v. 31, n. 57, p. 01-19, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v31i57.6722>

MAIA, J. F.; TROIAN, A.; MACIEL, M. D. A. The intangibility of the tangible: the Pampa Gaúcho in the practice and imagination of agro-ecological family farmers and ranchers. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 20, n. 1, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54399/rbgdr.v20i1.6819>

MACIEL, M. D. A.; TROIAN, A. A produção de novidades da agricultura familiar: O protagonismo dos sistemas orgânicos e agroecológicos no desenvolvimento sustentável.

**Desafio Online**, Campo Grande, v. 10, n. 3, 2022. DOI:  
<https://doi.org/10.55028/don.v10i3.15228>

MACIEL, M. D. A.; TROIAN, A.; OLIVEIRA, S. V. de. Da mobilização dos mercados digitais ao fortalecimento dos circuitos curtos de comercialização: A estratégia de reprodução social da agricultura familiar agroecológica em Santana do Livramento-RS (Brasil). **Contextualizaciones Latinoamericanas**, Guadalajara, v. 1, n. 30, 2024.

MAPBIOMAS. Observatório do Clima. **Desmatamento nos Biomas do Brasil cresceu 22,3% em 2022**, 2023. Disponível em:  
<https://brasil.mapbiomas.org/2023/06/12/desmatamento-nos-biomas-do-brasil-cresceu-223-em-2022/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

MATEI, A. P.; FILIPPI, E. E. O bioma pampa e o desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul. In: **Anais [...]** 6º Encontro de Economia Gaúcha. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em:  
[http://cdn.fee.tche.br/eeg/6/mesa8/O\\_Bioma\\_Pampa\\_e\\_o\\_Developolvimento\\_Regional\\_no\\_RS.pdf](http://cdn.fee.tche.br/eeg/6/mesa8/O_Bioma_Pampa_e_o_Developolvimento_Regional_no_RS.pdf). Acesso em: 30 mar. 2024.

MOREIRA, R. M.; CARMO, M. S. do. A agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2 n. 1, Rio de Janeiro, 2007.

NESKE, M. Z.; MARQUES, F. C.; BORBA, M. F. S. A emergência da produção de novidades em territórios “marginalizados”: uma análise a partir do território Alto Camaquã, Rio Grande do Sul. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 31, 2014. DOI:  
<http://dx.doi.org/10.5380/dma.v31i0.34803>

NETTO, T. A.; DE VARGAS, D. L. Territorialização da soja no contexto da agricultura familiar na fronteira Brasil/Uruguai. **Geosul**, Florianópolis v. 34, n. 71, p. 428-447, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/1982-5153.2019v34n71p428>

OLIVEIRA, N. M. de. Território: contributo sobre distintos olhares. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína, v. 9, n. 17, p. 43-62, 30 mar. 2020. DOI:  
<https://doi.org/10.20873/rtg.v9n17p43-62>

PECQUEUR, B. O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do Sul. **Raízes**, Campina Grande, v. 24, n. 1, p. 10-22, jan./dez., 2005. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2005.v24.243>

RIBEIRO, C. M. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da Região da Campanha do Rio Grande do Sul**. 300 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RIBEIRO, C. M. A pecuária familiar e a transição agroecológica. **Revista Canguê**, Paysandú – Uruguay, v. 1, p. 21-26, 2018.

ROCHA, J. M. da; AREND, S. C. Desenvolvimento e sustentabilidade na agricultura da metade Sul do RS: parâmetros, objetivos e limitantes da produção agroecológica. In: **Anais [...]** VIII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional: Territórios, Redes e

Desenvolvimento Regional: Perspectivas e Desafios, Santa Cruz do Sul, 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/view/16303/4351>. Acesso em 29 mar. 2024.

SANTOS, M. O retorno do território. *OSAL – Observatório Social de América Latina - Debates*, Buenos Aires, v. 6, n.16, p. 250-261, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acesso em 25 dez. 2023.

SAQUET, M. A. O desenvolvimento numa perspectiva territorial, multidimensional e democrática. *RESGATE: Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, v. 19, n. 21, p. 5-15, Jan/jun., 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/resgate.v19i21.8645701>

SCHNEIDER, S.; TARTARUGA, I. G. P. Território e abordagem territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais. *Raízes*, Campina Grande, PB, v. 23, n. 01 e 02, p. 99-116, 2004.

TEIXEIRA, J. C. Modernização da agricultura no Brasil: impactos econômicos, sociais e ambientais. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros*. Seção Três Lagoas, p. 21-42, 2005.

VINUTO, J. A. amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 200 p. 2005.

---

<sup>i</sup> Pesquisa contém resultados parciais da dissertação de mestrado do primeiro autor, estudo realizada no âmbito do Grupo de pesquisa Círculo de Estudos em Desenvolvimento e Ruralidades (CEDER/CNPq): <https://sites.unipampa.edu.br/ceder/>.